



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v6i1i1.4305>

IMPLANTAÇÃO E AVANÇO DO PENTECOSTALISMO NA AMAZÔNIA MARANHENSE: AS ASSEMBLEIAS DE DEUS EM IMPERATRIZ E NA REGIÃO SUL DO MARANHÃO (1952-1984)¹

*Implantation and advance of the Pentecostalism in the Amazon of Maranhão:
The Assemblies of God in Imperatriz and the southern region of Maranhão (1952-1984)*

Moab César Carvalho Costa²

Resumo: O presente artigo trata da implantação do pentecostalismo nos limites geográficos da Amazônia maranhense, especificamente na região Sul e Sudoeste do estado do Maranhão, com foco na cidade de Imperatriz. A temporalidade é de 1952 a 1984. A cidade de Imperatriz foi alvo de duas missões religiosas: a primeira em 1852, capitaneada pela Igreja Católica a serviço do governo provincial do estado do Pará, que deu origem à cidade, e a segunda, cem anos depois, responsável pela implantação de igrejas pentecostais que, por meio do Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia – SETA, que estabeleceu igrejas nas regiões sul do Pará, sul do Maranhão, norte do Goiás (atual Tocantins) e no norte do Mato Grosso.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Amazônia Maranhense. Imperatriz-MA.

Abstract: This article approaches the implementation of pentecostalism in the geographical limits of the Amazon of Maranhão, specifically in the South and Southwest of the State of Maranhão, with a focus on Imperatriz city. The temporality is from 1952 to 1984. The city of Imperatriz was the target of two religious missions, the first in 1852, led by the Catholic Church at the service of the provincial government of the State of Pará, which gave rise to the city, and the second, 100 years later, responsible for the implantation of Pentecostal churches, which through the Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia – SETA, established churches in the regions South of Pará, South of Maranhão, North of Goiás (currently Tocantins) and North of Mato Grosso.

Keywords: Pentecostalism. Amazon of Maranhão. Imperatriz-MA.

¹ O artigo foi recebido em 28 de março de 2021 e aprovado em 29 de junho de 2021 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em História. Professor adjunto II da UEMASUL e professor permanente do mestrado e doutorado em História – PPGHIST/UEMA. E-mail: moabcesar@uemasul.edu.br

Introdução

O pentecostalismo brasileiro implantado pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que fundaram as Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus na cidade de Belém do Pará, em 1911, expandiu de forma exponencial, e em menos de duas décadas já estavam presentes em todas as regiões brasileiras. Em 1930, realizou sua primeira convenção nacional, na cidade de Natal-RN, e nos fluxos e refluxos dos movimentos migratórios, entre pobres e negros, alcançou, conforme o censo do IBGE de 2010, mais de 12 milhões de adeptos.

Muitos foram os autores que produziram pesquisas sobre as Assembleias de Deus – ADs no Brasil, e fizeram análises mais amplas sobre seu crescimento, configurações e processos de acomodação. Entre eles podemos citar Alencar³, que desmitificou a unidade institucional e desenvolveu o conceito de *assembleianismos*; Correa⁴, que analisou as relações de poder e a construção das *dinastias assembleianas*; Fajardo⁵, que se dedicou ao crescimento marcado pelo *esgarçamento institucional*, e Costa⁶, que desenvolveu a perspectiva de um *aggiornamento pentecostal* ao retratar o processo de acomodação das ADs à sociedade de consumidores.

Apesar de toda essa gama de pesquisas sobre o pentecostalismo brasileiro, em especial o das ADs, o desenvolvimento de pesquisas regionais e locais se fazem necessárias e são fundamentais para a compreensão dos processos históricos e suas especificidades, que as distintas espacialidades produziram, como é o caso do pentecostalismo na Amazônia, tanto nos centros urbanos como nas pequenas cidades, nos quilombos, nas aldeias indígenas e entre as comunidades ribeirinhas.

Nesse sentido, objetivamos neste artigo, que se constitui num ensaio de história local e regional, historicizar o processo de implantação e avanço do pentecostalismo na Amazônia Maranhense, por meio do Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia – SETA, organizado pelas ADs de Belém do Pará. O artigo inicia analisando as condições históricas da implantação do pentecostalismo na cidade de Belém do Pará, a importância da inauguração da República e a institucionalização do estado laico e da liberdade religiosa como pano de fundo para a ampla ação dos missionários no Brasil.

³ ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. São Paulo: Novos Diálogos, 2013.

⁴ CORREA, Marina Aparecida dos Santos. *Dinastias Assembleianas: sucessões familiares nas Igrejas das Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar, 2020.

⁵ FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: uma história das Deus no Brasil*. São Paulo: Prisma, 2017.

⁶ COSTA, Moab César Carvalho. *O Aggiornamento do Pentecostalismo Brasileiro: as Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. São Paulo: Recriar, 2018.

A cidade de Belém do Pará e a implantação das Assembleias de Deus em 1911

A recepção e expansão do pentecostalismo no Brasil tiveram como ponto irradiador a cidade de Belém do Pará, num período conhecido como a *belle époque* brasileira. Cravada na floresta amazônica, conheceu a grandeza na exportação da borracha produzida pelos seringais, em um momento em que o mundo passava por grandes transformações em função do seu desenvolvimento industrial.

Se a grande circulação de pessoas, migrantes e imigrantes, aquecia a cidade de Belém do Pará no início da década de 1910 e essa movimentação foi favorável à implantação do movimento pentecostal, dois outros fatores, de natureza política e jurídica, ocorridos duas décadas antes, garantiram que os novos agentes religiosos pudessem livremente propagar a fé pentecostal, ainda que encontrassem barreiras entre as religiões estabelecidas, principalmente entre os agentes do clero católico.

O primeiro fator foi o advento da República, que modificou significativamente as possibilidades de crescimento dos protestantes e de outras denominações religiosas de cunho cristão ou da tradição judaica nas terras tupiniquins, uma vez que promoveu a laicização ou secularização do Estado, estabelecendo de forma legal – o que constitui o segundo fator – a liberdade religiosa através do Decreto nº 119-A do governo provisório, de 17 de abril de 1890. No entanto, o simples fato de estar estabelecida em lei não significava, na prática, uma garantia de observação imediata, principalmente porque a nova ordem legal preconizava a mudança de estruturas simbólicas profundamente arraigadas na cultura popular e reduzia o poder das instâncias que antes detinham a hegemonia absoluta sobre a matéria.

Nos diários dos pioneiros das ADs no Brasil encontramos várias referências sobre a tranquilidade que gozavam os missionários suecos em propagar o pentecostalismo e, mesmo que fossem alvos de denúncias e tivessem que comparecer diante das autoridades, nada lhes acontecia, pois tinham consciência dessa garantia constitucional e para ela apelavam com sucesso todas as vezes que era necessário.⁷

A implantação de uma república liberal impunha, também, a adoção de uma nova ordem econômica e uma reestruturação das cidades, pautadas pelo progresso, propagadas pelas ondas de modernização aos moldes europeus, com políticas de reordenamento urbano, projetos sanitários profundos, mudanças nos hábitos sociais e aburguesamento das novas elites. O país estava aberto para novas experiências. Não apenas as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro passaram por esses processos, mas também cidades como Belém do Pará e Manaus, no Amazonas, tiveram seus momentos de explosão econômica, urbana e social, atraindo pessoas de várias partes do mundo, sendo transformadas em cidades cosmopolitas.

Porém nem tudo era tão belo assim, pois o projeto modernizador ampliava cada vez mais as desigualdades. Nas grandes cidades, as concepções sanitaristas alia-

⁷ VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren*, o diário do pioneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 1973. p. 46.

das ao reordenamento urbano alijaram negros e pobres para as periferias, dando origem às favelas, guetos de indesejáveis ou depósitos de mão de obra barata.

Os anos posteriores à Proclamação da República foram marcados por um turbilhão de mudanças. A europeização, antes restrita ao ambiente doméstico, transforma-se agora em objetivo – melhor seria dizer “obsessão” – de políticas públicas. Tal qual na maior parte do mundo ocidental, cidades, prisões, escolas e hospitais brasileiros passam por um processo de mudança radical, em nome de controle e aplicações de métodos científicos [...] O início da República conviveu com crises econômicas, marcadas por inflação, desemprego e superprodução de café. Tal situação, aliada à concentração de terras e à ausência de um sistema escolar abrangente, fez que a maioria dos escravos recém-libertos passasse a viver um estado de quase completo abandono. Além dos sofrimentos da pobreza, tiveram de enfrentar uma série de preconceitos cristalizados em instituições e leis, feitas para estigmatizá-los como subcidadãos, elementos sem direito a voz na sociedade brasileira.⁸

De acordo com Sarges⁹, a cidade de Belém do Pará, entre os anos de 1870 e 1910, viveu a ilusão de ser um pedacinho da Europa no Brasil. A borracha mudou a face da cidade, interligou a região Norte do Brasil com o modelo do que seria “um mundo civilizado” (leia-se Europa), criou grandes fossos de desigualdades sociais e, como é comum em toda economia dependente do mercado externo, entrou em colapso diante da concorrência externa asiática. Com a mesma elasticidade que recebeu milhares de migrantes, vindos principalmente da região Nordeste, a partir de seu declínio econômico no início da década de 1910, estilingou-os de volta, espalhando-os para várias regiões do Brasil.

A migração e a urbanização são consideradas, pela maioria absoluta dos estudiosos do pentecostalismo brasileiro, como *conditio sine qua non* para o seu êxito e crescimento acelerado. No primeiro momento, esses elementos criaram um fluxo de migrantes nordestinos para a região Norte¹⁰, bem como um refluxo dos mesmos de volta para a terra natal e para outras regiões do país que lhes fossem mais favoráveis economicamente. Essa movimentação populacional permitiu que as crenças pentecostais se espalhassem rapidamente nas três décadas posteriores à fundação das ADs. Nesse sentido, muitos migrantes que passaram pela conversão ao pentecostalismo na cidade de Belém do Pará levaram consigo um elemento que as políticas econômicas, sanitaristas e racistas da *belle époque* não lhes poderiam expropriar: um novo estilo de vida e uma nova concepção de mundo, um novo *ethos*, pautado numa perspectiva resignada de que todo o sofrimento do presente momento se tornaria em recompensa em uma vida no Além e que essa concepção deveria ser propagada, primeiro para

⁸ PRIORI, Mary Del; VENÂNCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010. p. 219-220.

⁹ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2000. p. 89-91.

¹⁰ De acordo com SIEPIERSKI, Paulo D. A Inserção e Expansão do Pentecostalismo no Brasil. In: *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002. p. 575, a borracha atraiu grandes ondas migratórias para a região amazônica, de sorte que a população não nativa que, em 1860, era de aproximadamente 300 mil habitantes, passou para mais de 1.200.000 em 1910.

seus familiares e, de forma concomitante, para todas as pessoas. Tanto é que as ADs foram criadas nos diversos estados a partir de um pequeno núcleo já existente – uma família ou duas, no máximo – de pessoas que haviam recebido a mensagem através de parentes que passaram pela experiência pentecostal em Belém do Pará, no fluxo e refluxo das migrações.

A urbanização, que se acentuou a partir da década de 1950, foi responsável pelo desencaixe cultural dos migrantes, produzindo anomia, uma vez que substituiu as formas tradicionais que estruturavam o mundo rural.¹¹ Nesse sentido, as ADs proporcionaram a inclusão desses indivíduos em seu seio, restaurando o sentido de comunidade primária, perdido no desencaixe do tempo e espaço e, por consequência, a *nomia* social ou, no mínimo, uma sensação de pertença que a partir de então passariam a engendrar uma nova identidade.

E, em consequência, o crescimento das ADs no Brasil, diferente do que aconteceu nas ADs dos Estados Unidos (igrejas de brancos e ricos, marcadas pela segregação racial), encontrou solo fértil entre os mais pobres: migrantes nordestinos fugindo da seca, seringalistas, ex-escravos, sertanejos e deserdados sociais, ou seja, pelos que traziam as marcas da síndrome marginal.

O Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia – SETA na implantação do pentecostalismo na Amazônia Maranhense

A igreja-mãe, como é conhecida a Assembleia de Deus em Belém do Pará, foi responsável pelo estabelecimento de igrejas pentecostais na Amazônia Maranhense. A implantação, como afirmamos antes, foi fruto de um projeto que criou o Serviço de Evangelização dos Rios Araguaia e Tocantins – SETA, cujos objetivos principais foram organizar, promover e expandir pequenas igrejas e núcleos existentes naquela região e nas cidades e povoações que margeavam os rios Tocantins e Araguaia.

Parte significativa desses pequenos núcleos familiares pentecostais foi estabelecida pelo pastor João Jonas (que também implantou núcleos nos estados do Amazonas, Piauí, Goiás e Bahia). Sua atuação foi fundamental para a criação do SETA e para o estabelecimento das ADs no sul do Maranhão e na cidade de Imperatriz.

Vasconcelos¹², ao dedicar um artigo à memória do pastor João Jonas, no jornal Mensageiro da Paz, informa que ele desembarcou no Brasil em 1932, no estado do Pará. Era poliglota e, na época, professava a fé cristã ortodoxa grega. Pouco tempo depois, adotou as crenças pentecostais e passou a realizar trabalhos de evangelização. Mudou-se para Manaus-AM e lá recebeu cartas de autorização do pastor José Bezerra Cavalcante para realizar trabalhos missionários chancelados pelas Assembleias de Deus de Manaus. Optou por deslocar-se para o estado do Maranhão.¹³ Em 1934, foi

¹¹ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991. p. 31.

¹² VASCONCELOS, Alcebiades. À memória de João Jonas. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, p. 7, 1. quin. set. 1965.

¹³ De acordo com os registros e com testemunhos orais, o trajeto dessa viagem foi realizado em duas etapas. A primeira de Manaus a Belém do Pará, em canoa, e a segunda de Belém a São Luís-MA, a pé.

ordenado pastor na Convenção das Assembleias de Deus do Estado do Maranhão, realizada na cidade de Coroatá.

Oliveira¹⁴ registra que, em 1942, quando o governo brasileiro decretou guerra contra a Alemanha, o pastor João Jonas, temendo sofrer algum tipo de represália em função de sua nacionalidade, pois era húngaro, afastou-se do litoral e da capital São Luís, concentrando sua atuação nos sertões do sul do Maranhão, onde estabeleceu um pequeno grupo de pentecostais na cidade de Montes Altos. No início da década de 1950, empreendeu uma viagem missionária para as regiões fronteiriças entre o Piauí e Maranhão. No estado do Piauí, numa vila que hoje faz parte do município de Várzea Grande, manteve contato com o pastor Plínio Pereira de Carvalho, dirigente de um pequeno grupo familiar de pentecostais. De acordo com o pastor Plínio Pereira de Carvalho¹⁵, o pastor João Jonas o convidou para assumir o pequeno trabalho que ele havia iniciado na cidade de Montes Altos-MA, convite que aceitou prontamente, tomando posse no dia 08 de junho de 1951.

No início da década de 1950, muitos migrantes do Nordeste vieram para a região sul do Maranhão. Entre eles, havia muitas famílias que tinham se convertido ao pentecostalismo pregado pelos missionários das ADs. Essas famílias foram responsáveis pela implantação de pequenos trabalhos, que, ao longo do tempo, foram constituídos em igrejas. Oliveira¹⁶ registra que, entre os migrantes, vieram os seguintes pastores: Antônio Fernandes de Oliveira, José Vieira de Sousa, Tibúrcio Vieira de Sousa, Abel Gomes, os quais, juntos aos pastores que já se encontravam na região (Paulo Rego, Antônio Rego, Plínio Pereira de Carvalho e outros pastores que evangelizavam junto às margens do rio Araguaia), foram os responsáveis pela propagação do pentecostalismo na área geográfica de atuação do SETA. A presença desses pastores e os trabalhos estabelecidos pelo pastor João Jonas serviram de base para a criação do SETA.

O pastor Armando Chaves Cohen, das ADs de Belém do Pará, foi escolhido para a tarefa de estabelecer uma convenção com um serviço específico para a evangelização das áreas ribeirinhas dos rios Tocantins e Araguaia e dos sertões daquela região, com sede na cidade de Carolina no estado do Maranhão, maior e mais desenvolvida cidade da região na época.

A escolha da cidade de Carolina para sediar a Convenção do SETA foi estratégica. Já possuía uma igreja estabelecida. A cidade era a mais desenvolvida da região, conhecida como a capital econômica e cultural do sul do Maranhão. Por causa de sua localização estratégica, foi escolhida para sediar uma base da aeronáutica. A aviação comercial iniciou muito cedo na cidade; em 1937 fazia parte da rota aérea Belém – Rio de Janeiro, com voos diários. A partir da década de 1950, várias empresas aéreas se instalaram na cidade (Condor, Panair, Aerovias Brasil, Real, Cruzeiro do Sul, Varig, Vasp, Paraense e Votec). Antes da construção do aeroporto de Carolina, as

¹⁴ OLIVEIRA, Luiz Silva. *Primórdio das Assembleias de Deus no Sul do Maranhão*. Imperatriz, 1990. (manuscrito).

¹⁵ Entrevista concedida a este pesquisador em 12/10/1999.

¹⁶ OLIVEIRA, 1990, p. 5.

rotas entre Belém e Rio de Janeiro percorriam o litoral brasileiro, fato que aumentava significativamente as distâncias e os custos. Em 1941, foi inaugurada na cidade a primeira usina hidroelétrica da Amazônia. “Carolina vivia o apogeu de sua condição de capital cultural da região. Tinha jornal, cinema, biblioteca, clubes sociais, um movimentado cais do porto e um aeroporto, no bairro Ticoncá, com linhas regulares do Correio Aéreo Nacional, que faziam a rota entre o Rio de Janeiro e Belém”¹⁷. As rotas aéreas e fluviais faziam de Carolina um centro de abastecimento da região. A partir da abertura da rodovia Belém-Brasília, no início da década de 1960, a cidade perdeu o protagonismo e ficou isolada. A rodovia ficou cerca de 90 km de distância da cidade, fato que prestigiu outros municípios, como Imperatriz.

O pastor Armando Chaves Cohen já conhecia a cidade. Em 1945, fez sua primeira visita de caráter exploratório. Em 08 de abril de 1947, acompanhado de sua família, esposa e oito filhos, foi designado pelas ADs em Belém do Pará, na época presidida pelo missionário sueco Nels Julius Nelson, chegando a Carolina com o objetivo específico de fundar uma igreja e expandir os trabalhos de evangelização na região.

De acordo com Walmir Cohen¹⁸, em 06 de julho de 1947 foi alugado um pequeno salão, sendo iniciados os trabalhos oficiais das ADs na cidade. O primeiro templo foi inaugurado em 25 de abril de 1948. Em dezembro de 1950, quando o pastor Cohen retornou para Belém do Pará, para auxiliar o pastor Francisco Pereira do Nascimento¹⁹ (primeiro brasileiro a presidir as ADs naquela capital), as ADs em Carolina já contavam com 222 membros e igrejas (congregações) estabelecidas em vários povoados circunvizinhos.

O retorno do pastor Cohen para Belém do Pará foi essencial para a fundação do SETA. Por ser o maior conhecedor da região e de suas potencialidades, apresentou proposta para a sua criação em uma das plenárias da convenção das ADs no estado do Pará, realizada de 18 a 29 de junho de 1952. Exatamente ali foi criado o Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia – SETA; seu idealizador foi escolhido para realizar sua implantação e organização inicial. Nessa mesma convenção, por meio do missionário Carlos Hultgren, foram levantados recursos (entre membros das ADs norte-americanas) para a aquisição de um barco de madeira movido a motor, a fim de atender às necessidades de deslocamento nos trabalhos de evangelização do SETA. O barco, batizado de “O Evangelista I”, custou 90 dólares.

Durante o primeiro deslocamento do pastor Cohen para a implantação do SETA, o barco, que navegava pelo rio Tocantins, da cidade de Marabá-PA para a cidade de Carolina, naufragou em 16/12/1952, vitimando seu filho Jaime, de nove anos.²⁰ Entre os que acompanhavam o pastor Cohen, estava o jovem evangelista Jairo

¹⁷ FRANKLIN, Adalberto; LIMA, Valdizar. *Repressão e resistência em Imperatriz*. Imperatriz: Ética, 2016. p. 44.

¹⁸ COHEN, Walmir. SETA: 40 anos de atividade. 1987. p. 4. (Texto não publicado, datilografado).

¹⁹ REGO (1952, p. 8) publicou no jornal O Mensageiro da Paz, datado de 02/02/1952, na seção “Na Seara do Senhor”, informes sobre a convenção realizada em Carolina no período de 28 a 30 de novembro de 1951.

²⁰ “Na praia de Marabá, consagramos o nosso barco e seguimos para a evangelização. Mas não fomos felizes. Saímos às 6 horas da manhã do porto de Marabá e às 9 horas da mesma manhã naufragamos, e eu perdi o meu filho de nove anos” (COHEN, Armando Chaves. *Minha Vida*: autobiografia de Armando Chaves Cohen, 1985 [S.l.: s.n.]. p. 2).

Saldanha de Oliveira²¹, que três décadas depois (1984) assumiria a presidência das ADs em Imperatriz-MA.

Apesar do naufrágio e da perda do filho, o pastor Cohen manteve-se firme no propósito de estabelecer o SETA. No pentecostalismo clássico, o sofrimento e a dor eram considerados sinais da presença de Deus na vida do fiel, reafirmavam a convicção de que estavam no caminho certo, de que os projetos eram a vontade revelada de Deus para aquela região e de que eles eram as pessoas certas para realizá-los. A identidade assembleiana clássica era caracterizada pela ascese, pelo sectarismo, pela resignação diante do sofrimento e da dor. O que alimentava a esperança de seus adeptos era a expectativa no porvir e na eterna bem-aventurança na vida eterna.

Sobre a primeira reunião convencional do SETA, realizada em 1953, temos o seguinte registro:

Nos dias 21 a 27/7/53 houve a primeira convenção que foi denominada Convenção Regional do SETA, estando presentes o pastor Francisco Pereira do Nascimento, que presidiu os trabalhos. Dentre os vários assuntos tratados deliberou-se sobre as áreas de atuação do SETA compreendido pelas seguintes regiões: 1) Todas as cidades ribeirinhas do rio Tocantins a partir da confluência deste com o rio Araguaia em ambas as margens até Porto Nacional; 2) Todas as cidades ribeirinhas do rio Araguaia desde a confluência dos rios até onde fosse possível alcançar; 3) As áreas respectivas onde estavam sediadas estas cidades, inclusive o sertão onde não havia nenhuma Assembleia de Deus até aquele tempo. Conheciam-se como igrejas ou sedes de campo as seguintes cidades: Carolina (sede-geral), Porto Nacional, Tocantinópolis e Imperatriz (todas no rio Tocantins); Araguaína, no sertão goiano; Sucupira do Norte, Grajau, Amarante do Maranhão e São Pedro dos Crentes, no sertão Maranhense²².

O SETA foi inicialmente presidido pelo pastor Francisco Pereira de Nascimento, que também presidia a convenção das ADs no estado do Pará. Em 1957, a liderança passou para o pastor Luís de França Moreira, sendo sua sede transferida da cidade de Carolina para Imperatriz. Somente em 01 de julho 1961 o SETA teve seus estatutos aprovados. O registro em cartório ocorreu em 28 de julho de 1961, na Comarca de Imperatriz.

O desenvolvimento das ADs nas regiões que compreendiam a área inicial de atuação do SETA foi vigoroso, a tal ponto que, em 2003, sob a presidência do pastor Pedro Lima Santos, ela foi dividida em três convenções regionais: a CIADSETA-TO, abrangendo o estado do Tocantins; A CIADSETA-MA compreendendo a região do sul do Maranhão e a CIADSETA-PA/MT, cuja atuação seria no sul do Pará e no norte do Mato Grosso. Essa divisão, considerada por seus idealizadores como histórica, por ter ocorrido de forma pacífica e consensual, sem prejuízo para a unidade das ADs

²¹ O pastor Jairo Saldanha de Oliveira nasceu em Soure, na Ilha de Marajó, em 03/04/1927. Seu pai, Isidoro Saldanha de Oliveira, foi o primeiro pastor das Assembleias de Deus a ser consagrado no Brasil pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren. Em 25/08/2001, o pastor Jairo Saldanha de Oliveira concedeu entrevista a este pesquisador, e dela são extraídas as várias informações sobre o pastor Armando Chaves Cohen.

²² COHEN, 1987, p. 5.

na região, favoreceu ainda mais o crescimento das ADs e a organização de seu aparato administrativo em cada Estado. No entanto, com o passar dos anos, os laços de fraternidade existentes foram rompidos e os limites de atuação foram eliminados, provocando uma verdadeira batalha pela expansão e conquista no campo religioso. A concorrência religiosa passou a ser, também, pela conquista de prosélitos entre os membros das ADs, numa mesma cidade, como é o caso de Imperatriz, onde existem igrejas das ADs de mais de dez convenções diferentes, cujas sedes estão localizadas no estado do Pará, Tocantins, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo, para citar as mais importantes.

Um exemplo interessante é o da atuação da CIADSETA-MA, que em 27 de novembro de 2004 teve sua denominação modificada para “Convenção de Obreiros das Assembleias de Deus do SETA no Sul do Maranhão – COMADESMA”²³, em virtude de necessidades de ajustes quanto à sua abrangência geográfica para efetivação de registro junto à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. Em 2010, houve nova mudança, mantendo-se a sigla e acrescentando-se “e outros Estados da Federação”. Ou seja, oficialmente deixou de existir, o que na prática não existia há muito tempo, a exigência de que as ADs deveriam limitar sua atuação a uma determinada área geográfica, e que a “invasão de campo”²⁴, tão debatida nos encontros da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB e convenções estaduais e regionais, deixou de ser impedimento para estabelecer igrejas em qualquer cidade no território nacional. Tanto é que a COMADESMA tem igrejas estabelecidas na cidade de Palmas-TO (sede da CIADSETA-TO), em Brasília, no estado do Mato Grosso, Pará e Ceará.

A implantação e avanço do pentecostalismo na cidade de Imperatriz

A cidade de Imperatriz – apesar de sua diversidade cultural e de seu caráter cosmopolita, com população formada por brasileiros de todas as regiões do país, que vieram acompanhando as ondas migratórias provocadas por seus ciclos econômicos – respira ares religiosos desde a sua fundação. Foi estabelecida em 1852, como relatamos antes, dentro dos limites do estado do Maranhão por engano, por uma missão religiosa liderada pelo frei Manoel Procópio do Coração de Maria, a serviço e às expensas da Província do Pará, na época presidida pelo Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho. O percurso foi realizado de barco pelo rio Tocantins, único meio de circulação da época. O objetivo era criar uma vila dentro dos limites e na fronteira entre as duas províncias.²⁵

²³ Disponível em: <<http://www.comadesma.com.br/index.php>>. Acesso em: 10 maio 2020.

²⁴ Por “invasão de campo” entende-se o avanço de um ministério, convenção, igreja-sede de uma determinada região numa área geográfica “pertencente” a outro ministério das ADs no Brasil. A proibição à invasão foi um tipo de acordo realizado, por intermediação da CGADB, entre as ADs no Brasil. Um campo é uma área geográfica de atuação de uma determinada Convenção, e dentro dele, das igrejas que são associadas a ela. A invasão era considerada uma falta grave, uma quebra de acordo e um desrespeito às igrejas das ADs estabelecidas naquela área.

²⁵ CARVALHO, Plínio Pereira de. *Entrevista*. Concedida a Moab César Carvalho Costa. Imperatriz, 12 out. 1999. p. 162.

Nos primeiros anos ficou conhecida como “Povoação de Santa Tereza de Imperatriz”. Somente em 1924 foi transformada em cidade, com o nome de Imperatriz. Até os anos de 1950, era pequena e isolada dos demais centros, por falta de estradas. Chegou a ser chamada, em função do isolamento, de “Sibéria Maranhense”.

Com exceção das cidades margeadas pelo rio Tocantins, em que se destacavam Carolina, Boa Vista (Tocantinópolis), Porto Franco, Marabá e Belém, a comunicação e o comércio de Imperatriz com as demais regiões maranhenses eram praticamente nulos²⁶.

O sul e o sudoeste do Maranhão são regiões de ocupação tardia, alcançadas pela corrente de povoamento pastoril baiana, mantendo-se isoladas da capital e das cidades do norte do Estado por muitas décadas. Isoladas tanto do ponto de vista econômico quanto cultural.

Essa situação de isolamento só mudou em 1953, com a construção da estrada que faz a ligação com a cidade de Grajaú e, depois, com a construção da rodovia Belém-Brasília, no início dos anos de 1960, conhecida como o grande corredor norte-sul, que interliga a região de Imperatriz com os grandes centros comerciais do Brasil. A partir desse momento, a cidade iniciou uma trajetória de crescimento que, em pouco mais de três décadas, transformou-a na segunda maior cidade do Estado e na mais importante do sul do Maranhão e da região Tocantina.

A partir da década de 1950, a cidade de Imperatriz foi marcada por uma sucessão de ciclos econômicos, atraindo muitos migrantes, dentre os mais importantes: o ciclo do arroz, o ciclo da madeira e o ciclo do ouro (Serra Pelada). Os ciclos econômicos foram responsáveis pela grande onda de migrantes que a cidade recebeu.

Em meados de 1952, um grupo de migrantes nordestinos saiu do Piauí, fugindo da seca e das precárias condições de vida que aquela região impunha. O destino era a cidade de Imperatriz. O grupo era formado por 38 pessoas, entre adultos e crianças, e uma tropa de 32 jumentos. Apesar da tropa de jumentos, os adultos fizeram o percurso a pé, as crianças maiores iam montadas sobre as cargas e os menores dentro dos jacás, sobre os jumentos. A jornada durou 62 dias. O grupo era formado por um único tronco familiar, embora uma parte fosse conhecida como Bandeira e outra Rocha, ambas tinham parentesco ascendente comum.

Alguns membros desse grupo de migrantes, antes de saírem do Piauí, tinham passado por uma experiência religiosa e haviam se convertido ao pentecostalismo através das pregações do missionário húngaro João Jonas, no final da década de 1940 e início da década de 1950. Ao chegarem a Imperatriz, antes mesmo de aliviarem as cargas dos jumentos, realizaram o primeiro culto pentecostal na cidade. De acordo com a missionária Elza Bandeira²⁷, o culto foi dirigido por seu pai, José Rodrigues Bandeira. Como nem todos eram adeptos do pentecostalismo, o culto teve a participação de apenas oito pessoas.

²⁶ FRANKLIN, A. *Apostamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 55.

²⁷ Entrevista concedida a este pesquisador em 21 de julho de 2015. A missionária Elza Bandeira fez parte do grupo de migrantes que fundou as ADs em Imperatriz.

Poucos dias depois, o grupo recebeu a visita, já esperada, do pastor Plínio Pereira de Carvalho, que na época morava na cidade de Montes Altos, 70 km distante de Imperatriz. O pastor Plínio era parente do grupo de migrantes e havia chegado um ano antes na região, enviado pelo missionário João Jonas para assumir a direção da igreja Assembleia de Deus na cidade de Montes Altos. Tão logo tomou conhecimento da chegada de seus parentes, mudou-se para Imperatriz e lá fundou a Assembleia de Deus, no dia 16 de setembro de 1952. Os membros fundadores foram os seguintes: pastor Plínio Pereira de Carvalho, Maria Rodrigues Bandeira de Carvalho, Marcos Rodrigues Bandeira, José Rodrigues Bandeira, Rosa Rodrigues Bandeira, Pedro Pereira Rocha, Jorge Pereira, Francisca Bandeira da Silva, Maria Ivete Bandeira, Januária Pereira da Silva, Amadeus Bandeira, Maria Doralice Bandeira, Jonas Bandeira, Eunice Bandeira, Evaristo Rocha, José Bandeira, Felícia Bandeira, Maria de Jesus Coelho e Antônio Bandeira Rocha.

Quando as ADs em Imperatriz foram fundadas, já existia na cidade uma pessoa adepta ao pentecostalismo. Era uma senhora de idade avançada que, por falta de uma igreja pentecostal, congregava-se na Igreja Cristã, a qual era então dirigida pelo tenente Pereira, avô do pastor Raul Cavalcante Batista, atual presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz – IEADI. Sobre essa senhora, Sousa²⁸ esclarece que seu nome era Maria de Jesus Coelho, que foi uma das primeiras pessoas convertidas ao pentecostalismo em solo imperatrizense e que sua conversão se deu em 1929, quando dois missionários ingleses passaram pela região (Davi Mills e Donald Montieth).

De acordo com o pastor Plínio, a cidade de Imperatriz contava apenas com três ruas paralelas ao rio Tocantins: XV de Novembro, Cel. Manoel Bandeira e Godofredo Viana; a população urbana era de aproximadamente cinco mil. No censo de 1950, a população do município era de 14.064 habitantes. Viviam-se basicamente da pesca, da pecuária e da agricultura do arroz. O município chegou a ser o maior produtor de arroz do Maranhão.

De acordo com o censo do IBGE, no início da década de 1950, a Igreja Católica dominava o campo religioso em Imperatriz. Dos 14.064 habitantes do município, 13.631 (96,9%) eram católicos e apenas 1,3% (195 pessoas) se declaravam pertencentes a outras religiões. Com a chegada das ADs, em 1952, os migrantes que a fundaram iniciaram um processo concorrencial no campo religioso por meio das ações proselitistas em diversas frentes: no evangelismo pessoal realizado de casa em casa, nos cultos evangelísticos promovidos nas praças e logradouros da cidade e nos cultos regulares no templo das ADs, realizados exclusivamente para a atração de novos adeptos.

Os embates com a Igreja Católica eram inevitáveis. O culto local se manifestou contrário e tentou impedir seu crescimento. Sobre a implantação do trabalho e os embates com a Igreja Católica, o pastor Plínio fez a seguinte declaração:

Deus nos abençoou maravilhosamente, a cidade era bem pequena, fomos recebidos com muita satisfação, mas com muita satisfação mesmo. Mas, tinha o Frei Epifânio, que era o pároco daqui. Ele quis fazer um movimento contra nós, mas não pode porque

²⁸ SOUSA, Sebastião Clayton Alves de. *História da Assembléia de Deus em Imperatriz*: edição comemorativa do Jubileu de Ouro. Imperatriz: IEADI, 2002. p. 54.

não teve o apoio do povo, nem das principais pessoas, autoridades, e aqui pudemos viver tranquilamente [...] e o povo dizia que a Igreja Batista está aqui há muito tempo e ninguém nem ouvia falar. Agora com estes crentes da Assembleia de Deus acelerou tudo e agora o padre fica tentando fazer movimento contra²⁹.

O pastor Plínio manteve-se à frente das ADs em Imperatriz até o ano de 1955 quando, por iniciativa própria, solicitou à Convenção do SETA, sediada na cidade de Carolina, que fosse realizada sua permuta com o pastor Luís de França Moreira, então líder das ADs na cidade de Amarante, a 120 km de Imperatriz. Sua demanda foi atendida e, assim, em 1955, tomou posse na liderança das ADs em Imperatriz o pastor Luís de França Moreira, que a presidiu até sua morte, em 1984.

Em síntese, a história das ADs em Imperatriz, dentro dos limites da temporalidade aqui proposta, pode ser dividida em duas etapas: a fundação (1952-1955) e a consolidação institucional (1955-1984). Essa divisão ou periodização, como todas as divisões ou periodizações históricas, servem tão somente como recurso heurístico, sendo, portanto, flexível e adaptável de acordo com a necessidade dos que pesquisam a mesma instituição e focam nos mesmos objetos ou em objetos distintos. Mesmo porque do tempo e das periodizações o historiador não pode prescindir, como nos advertiu Prost, “a história faz-se a partir do tempo: um tempo complexo, construído e multifacetado”³⁰.

No período que compreende a segunda etapa, as ADs estavam sob a presidência do pastor Luís de França Moreira, que também acumulava o cargo de presidente da Convenção do SETA. Essa dupla função fazia dele um homem muito influente nas ADs da região Norte e bastante respeitado na cidade de Imperatriz. Sua influência estendia-se às regiões dos estados de atuação da Convenção do SETA, o que possibilitava acesso livre aos membros da mesa diretora da CGADB e aos pastores presidentes das convenções estaduais e regionais do país.

De acordo com Oliveira³¹, quando o pastor Luiz de França Moreira assumiu a direção da igreja em Imperatriz (01/09/1955), foi possível contabilizar, entre membros e congregados, 202 fiéis. Contando com o apoio desse grupo, no mesmo ano, iniciou a construção do primeiro templo, cuja inauguração ocorreu em 1º de setembro de 1957. Na inauguração do templo, estavam presentes o prefeito Antenor Fontenele Bastos, o juiz de Direito da cidade, José Antônio de Almeida e Silva, o pastor da Igreja Batista, João Paulo Ataíde e da Igreja Cristã Evangélica, Domingos Euzébio da Costa, além de outras autoridades e dos pastores e obreiros das ADs que participavam das reuniões convencionais do SETA, as quais ocorreram pela primeira vez na cidade de Imperatriz.

Até aquela data, a convenção do SETA era dirigida pelo presidente da convenção das ADs no estado do Pará, função ocupada na época pelo pastor Francisco Pereira do Nascimento. Na ocasião, foi dada autonomia à convenção do SETA, elegendo como presidente o pastor Luiz de França Moreira, que, na mesma sessão convencio-

²⁹ CARVALHO, Plínio Pereira de. *Entrevista*. Concedida a Moab César Carvalho Costa. Imperatriz, 12 out. 1999.

³⁰ PROST, Antoine. *Doze lições de História*. 2. ed. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 96.

³¹ OLIVEIRA, 1990, p. 7.

nal, transferiu a sede de Carolina para Imperatriz. A transferência, a princípio, pareceu imprudente. Mudar a sede do SETA da cidade mais desenvolvida da região para uma cidade menor, que até cinco anos antes vivia no pleno isolamento, era algo impensável. No entanto, a cidade vivia uma nova e alvissareira expectativa, a construção da rodovia federal Belém-Brasília e a certeza de que ela passaria dentro dos seus termos, o que significava grandes possibilidades de desenvolvimento econômico.

Em 1957, já se sabia que a rodovia Belém-Brasília atravessaria a cidade. Em 1958, foi aberto o escritório da empresa que era responsável pela construção da rodovia, a Rodobrás. A presença da construtora atraiu milhares de migrantes para a cidade, gente vinda de toda parte em busca de novas oportunidades.

A cidade foi tomada por agitação sem precedente nessa parte do Brasil, com a chegada de máquinas pesadas e a movimentação de trabalhadores. Uma parte desses equipamentos chegou em barcaças, pelo rio Tocantins; outra, em aviões cargueiros. Imperatriz se transformava rapidamente num imenso canteiro de obras e diversas empresas privadas se estabeleceram na cidade para a realização das obras de construção da estrada. Traziam técnicos e administradores e no local contratavam a mão de obra não especializada, homens acostumados ao trabalho rude de derrubada de árvores a machado, mateiros conhecedores da floresta e de índios, carregadores de equipamentos e outros.³²

Os dados comparativos dos censos do IBGE 1950 e 1960 mostram claramente a movimentação populacional em Imperatriz e as modificações ocorridas no seu campo religioso. Em 1950, a população era de 14.064 habitantes. Em 1960, a população quase triplicou, chegando a 39.169 habitantes. Nessa mesma ordem, pode-se verificar o crescimento dos protestantes, lembrando-se que, na época, o IBGE não fazia distinção entre protestantes e pentecostais. Se em 1950 representavam 1,36%, já em 1960 ampliaram sua presença e atingiram 4,3%.

Como afirmamos antes, a cidade de Carolina, apesar de ser a mais importante da região, ficou fora do mapa da rodovia Belém-Brasília, a cerca de 90 quilômetros de distância, o que favoreceu a mudança do eixo econômico da região para a cidade de Imperatriz. Vejamos o quadro comparativo do censo do IBGE, nas décadas de 1950 a 1970, entre as duas cidades.

Tabela 1– Comparativo entre as populações de Imperatriz-MA e Carolina-MA

Censos	População total	
	Imperatriz-MA	Carolina-MA
1950	14.064	21.404
1960	39.169	27.063
1970	80.827	28.815

Fonte: elaboração do autor, a partir dos dados dos censos do IBGE de 1950 a 1970.

³² FRANKLIN; LIMA, 2016, p. 54.

O pentecostalismo avançou a passos largos em Imperatriz. As ADs cresciam no mesmo ritmo da cidade. Novos bairros eram formados, a maioria era fruto de invasões, sem nenhuma infraestrutura. Antes que chegassem quaisquer benefícios do poder público, ali já se encontrava estabelecido um templo. Na tabela 2 é possível observar o ritmo de crescimento da cidade. No censo de 1980, a população era de 80.827, duas vezes mais do que em 1970. No censo de 1991, refletindo o ciclo econômico do ouro de Serra Pelada, a população triplicou e já eram 276.501 habitantes, com maioria absoluta morando na zona urbana da cidade.

O campo religioso refletiu esse crescimento, e como frisamos antes, essas ondas migratórias favoreciam a adesão ao pentecostalismo, de forma que, se em 1950, 96,9% da população se declarava católica, os censos seguintes apresentaram números decrescentes, de sorte que, no último censo, em 2010, os que se declaravam católicos eram 56% da população. Já os pentecostais apresentaram crescimento constante: em 1952, antes da chegada das ADs, só uma pessoa se declarava pentecostal; no censo de 1980, já eram 6,0% da população e, em 2010, contabilizavam 21,72%.

Abaixo, finalizamos com uma tabela comparativa dos censos do IBGE de 1950 a 2010 com os dados relativos à população e ao campo religioso.

TABELA 2 – População x religião nos censos do IBGE de 1950 a 2010 na cidade de Imperatriz-MA.

Censo	População total	Católicos		Protestantes		Pentecostais		Sem religião	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
1950	14.064	13.631	96,9%	195	1,3%	NI	-	NI	-
1960	39.169	37.223	95,05%	1.712	4,3%	NI	-	NI	-
1970	80.827	73.859	91,3%	6.275	7,7%	NI	-	NI	-
1980	220.095	196.518	89,2%	6.047	2,7%	13.240	6,0%	NI	-
1991	276.501	232.331	84,0%	7.938	2,8%	23.517	8,5%	8.797	3,18%
2000	230.566	162.053	70,2%	11.592	5,0%	36.386	15,7%	15.169	6,58%
2010	247.505	138.785	56,04%	15.080	6,09%	53.053	21,72%	20.898	8,44%

Fonte: Elaboração do autor com base nos censos do IBGE.

Considerações finais

A somatória das histórias regionais e locais não compõe uma história nacional ou mesmo uma abordagem mais universalista do objeto estudado. No entanto, as pesquisas de caráter regional e local, com suas especificidades culturais, suas relações sociais e seus modos próprios de compreender a realidade em sua volta, enriquecem e iluminam as perspectivas mais gerais, trazendo à superfície atores esquecidos, cotidianos marginalizados e aspectos que se podem perder no tempo e no espaço.

Nesse sentido, historicizar a implantação do pentecostalismo sobre a perspectiva local e regional favorece a multiplicidade e a diferença, apresentando a dinâmica social, a visão de mundo, o *ethos* e as especificidades que um país continental como o Brasil possui. Assim, mesmo dentro de uma região, como é a Amazônia brasileira,

pode-se, em uma mesma prática ou movimento religioso, encontrar formas distintas de viver a mesma orientação religiosa. Como exemplo, basta comparar as ADs na ilha de Marajó com as localizadas nas cidades de Manaus, Belém do Pará, Cuiabá ou mesmo na cidade de Imperatriz, e, até mesmo, nos sertões do sul do Maranhão.

Este artigo foi uma pequena síntese sobre a história do pentecostalismo na Amazônia Maranhense, em uma temporalidade (1952 a 1984) que refletia os valores do pentecostalismo clássico, cujo *ethos* era marcado pela ascese, pelo sectarismo, pelo apoliticismo e pela espera resignada de dias melhores no Além. Como tudo é dinâmico, atualmente fala-se de pentecostalismos, no plural, uma vez que o campo religioso ganhou a partir da chegada dos neopentecostais, no final da década de 1970, um incontável número de novos atores e uma pulverização de novas instituições. Algumas não querem se identificar com nenhuma outra e se consideram pós-denominacionais, mas isso é para ser tratado em outro espaço.

Ficamos devendo, pelos limites espaciais impostos ao texto, detalhes sobre o cotidiano dos adeptos, suas práticas rituais, suas relações sociais e os conflitos no campo religioso da Amazônia Maranhense.

Referências

- ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. São Paulo: Novos Diálogos, 2013.
- BANDEIRA, Elza. *Entrevista*. Concedida a Moab César Carvalho Costa. Imperatriz, 21 jul. 2015.
- CARVALHO, Carlota. *O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*. 2. ed. Imperatriz: Ética, 2000.
- CARVALHO, Plínio Pereira de. *Entrevista*. Concedida a Moab César Carvalho Costa. Imperatriz, 12 out. 1999.
- CENSOS DO IBGE. 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.
- COHEN, Armando Chaves. *Minha Vida: autobiografia de Armando Chaves Cohen*, 1985 [S.l.: s.n.].
- COHEN, Walmir. SETA: 40 anos de atividade. 1987. (Texto não publicado, datilografado).
- CORREA, Marina Aparecida dos Santos. *Dinastias Assembleianas: sucessões familiares nas Igrejas das Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar, 2020.
- COSTA, Moab César Carvalho. *O Atualização do Pentecostalismo Brasileiro: as Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. São Paulo: Recriar, 2018.
- ESTATUTO DO SERVIÇO DE EVANGELIZAÇÃO DOS RIOS TOCANTINS E ARAGUAIA – SETA, Imperatriz-MA, 1961.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: uma história das Deus no Brasil*. São Paulo: Prisma, 2017.
- FRANKLIN, A. *Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz*. Imperatriz: Ética, 2008.
- FRANKLIN, Adalberto; LIMA, Valdizar. *Repressão e resistência em Imperatriz*. Imperatriz: Ética, 2016.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991. Disponível em: <<http://www.comadesma.com.br/index.php>>.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- OLIVEIRA, Jairo Saldanha de. *Entrevista*. Concedida a Moab César Carvalho Costa. Imperatriz, 15 ago. 2001

- OLIVEIRA, Luiz Silva. *Primórdio das Assembleias de Deus no Sul do Maranhão*. Imperatriz, 1990. (manuscrito).
- PRIORI, Mary Del; VENÂNCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010.
- PROST, Antoine. *Doze lições de História*. 2. ed. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- REGO, Antônio Pereira Rego. Carolina-MA. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, 02 fev. 1952. Na Seara do Senhor, p. 8.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- SIEPIERSKI, Paulo D. A Inserção e Expansão do Pentecostalismo no Brasil. In: *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.
- SOUSA, Sebastião Clayton Alves de. *História da Assembléia de Deus em Imperatriz*: edição comemorativa do Jubileu de Ouro. Imperatriz: IEADI, 2002.
- VASCONCELOS, Alcebiades. À memória de João Jonas. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, p. 71, 1. quinz. set. 1965.
- VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren, o diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.